

Desenvolvimento de uma vacina em isco

A medida mais paradigmática do projeto +Coelho



M. DUARTE



M. CUNHA

As vacinas comerciais disponíveis, até ao momento, para imunização do coelho-bravo são injetáveis, de administração subcutânea ou intramuscular, e conferem uma imunidade transitória contra o vírus RHDV2, implicando a revacinação semestral ou anual.

TEXTO: MÓNICA V. CUNHA E MARGARIDA D. DUARTE (INVESTIGADORAS DO INIAV, I.P.); GRUPO DE TRABALHO +COELHO FOTOS: SHUTTERSTOCK



Projeto "+COELHO: Avaliação Ecosanitária das Populações Naturais de Coelho-Bravo Visando o Controlo da Doença Hemorrágica Viral" financiado pelo FUNDO FLORESTAL PERMANENTE.

A necessidade de se capturar os coelhos-bravos para administração das vacinas comercialmente disponíveis faz com que a aplicação destas vacinas nas populações de coelho-bravo de vida livre seja muito limitada, pontual e, por isso, inconsequente. Também o stress inerente a essa captura e ao manuseio parece comprometer o estímulo da imunidade pretendida. Assim, as vacinas atualmente disponíveis apenas são adequadas à cunicultura industrial, à criação tradicional de coelho-doméstico produzido para auto-consumo, aos animais de companhia e ao coelho-bravo criado em cativeiro para fins cinegéticos.

A VACINA

A vacina que se pretende desenvolver no âmbito do projeto +Coelho será baseada na **administração oral** de partículas do tipo viral (VLPs), contendo apenas o

exterior do vírus (cápside), sendo destituídas de material genético. Estes invólucros ocos, contêm, no entanto, toda a informação estrutural imunogénica dos vírus em circulação, permitindo, expectavelmente, reduzir a transmissão do vírus entre os animais, quando mais de

Só uma imunidade de grupo permitirá controlar a mortalidade associada a DHV nas áreas onde o vírus circula

85% dos animais desenvolvem uma resposta imunitária protetora. Só uma imunidade de grupo permitirá controlar a mortalidade associada a DHV nas áreas onde o vírus circula. Esta será uma vacina ajustável à evolução das estirpes de campo de RHDV2, tal como se verifica nas vacinas

da gripe cuja composição é ajustada às estirpes que estiveram em circulação no ano anterior, uma vez que a inclusão de informação estrutural de novas estirpes que surjam será facilitada nesta abordagem de concepção e produção da vacina. Acresce que a utilização de VLPs apenas com informação estrutural do vírus (cápside) não implicará a libertação de vírus infeccioso (com capacidade de infetar) ou de material genético do vírus na natureza, pelo que esta será uma vacina inócua e segura. Uma vez suspensa a vacinação, o "rasto imunológico" induzido pela vacina será eliminado em 6 meses a 1 ano. A administração da vacina por incorporação das VLPs em isco possibilitará a sua **aplicação generalizada no campo**, nas zonas onde o vírus circula, sem necessidade de captura e manipulação dos animais e, por isso, adequada ao coelho-bravo de vida livre. ■